

CADERNO DE RESUMOS

MITOS, CRENÇAS E RITOS

Religiões do mundo antigo e medieval

Fábio Vergara Cerqueira
Maria Regina Cândido
Lidiane Carolina Carderaro dos Santos
Caroline Melo Armesto
(Organização)



Programa de Pós-graduação
Memória Social e Patrimônio Cultural
PPGMP | ICH | UFPEL



SAPIENZA
UNIVERSITÀ DI ROMA



Núcleo de Estudos da Antiguidade



PR
Pro-Reitoria de
EC
Extensão e Cultura



Copyright©2023: Todos os direitos desta edição estão reservados ao Núcleo de Estudos da Antiguidade – NEA, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2023.

Capa: *Saint Cajetan of Tiene* por Giovanni Battista Tiepolo. Rio de Janeiro, Museu Nacional de Belas Artes.

Arte da capa: Isabelle Brancão Chaves

Projeto gráfico e diagramação: Lidiane Carolina Carderaro dos Santos e Caroline Melo Armesto

O caderno de resumos integra o Projeto Antiguidade, que é referente a publicações de História Antiga e Medieval e promovido pelo NEA/UERJ. Direção de Publicação: Maria Regina Candido, UERJ, Brasil.

CATALOGAÇÃO

XXIII Jornada de História Antiga do LECA – UFPel – Mitos, Crenças e Ritos: Religiões do Mundo Antigo e Medieval; Fábio Vergara Cerqueira; Maria Regina Candido; Lidiane Carolina Carderaro dos Santos; Caroline Melo Armesto (Org.) Pelotas/Rio de Janeiro: UFPel – LECA & UERJ – NEA, 2023. p. ISSN: 1676- 7071.

1. História Antiga e Medieval – Congressos. 2. Pesquisas – Congressos.

COMISSÃO ORGANIZADORA DA XXIII JORNADA DE HISTÓRIA ANTIGA

Coordenação:

Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira

Suporte Técnico e Design Gráfico:

Site - Profa. Dra. Lidiane Carolina Carderaro dos Santos

Arte - Isabelle Brancão Chaves

Bolsista de Extensão - PREC/UFPel:

Caroline Melo Armesto

Equipe discente na organização:

Profa. Dra. Lidiane Carolina Carderaro dos Santos

Bach. Caroline Melo Armesto

Prof. Edward Dutra dos Anjos

Prof. Franklin Donatello Rosa da Silva

Profa. Jéssica Renata Santos Silva

Alexia Peter Demari

Daniel Inácio Becker

Enzo Acosta Xavier

Isabelle Brancão Chaves

Isadora Lebedeff Camargo

João Pedro Vitoriano Fabri

Equipe discente no apoio:

Francine Sedrez Bunde

Laura Bergozza Pereira

COMITÊ CIENTÍFICO

Prof. Dr. André Leonardo Chevitarese (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Prof. Dr. Dominique Vieira Coelho dos Santos (Universidade Regional de Blumenau)
Prof. Dr. Elton Oliveira Souza de Medeiros (Universidade Federal do Paraná)
Prof. Me. Fabrício Nascimento de Moura (Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão)
Prof. Dr. Jussemar Weiss Gonçalves (Universidade Federal do Rio Grande)
Prof. Dr. Lukas Gabriel Grzybowski (Universidade Estadual de Londrina)
Prof. Dr. Mateus Dagios (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Prof. Me. Matheus Barros da Silva (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Profa. Dra. Semíramis Corsi Silva (Universidade Federal de Santa Maria)

APOIO

European Commission
Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas
Núcleo de Estudos da Antiguidade
Polo Interdisciplinar de Estudos do Medievo e da Antiguidade
Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas
Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis
Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
Sapienza Università di Roma
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

Apresentação.....	1
Programação Geral.....	5
Resumos das Conferências.....	9
“Jacinto” de Filóstrato el Viejo. Literatura y artes plásticas. Prof. Dr. Daniel Rinaldi.....	9
Movimento Ritual na Roma Antiga. Prof. Dr. Giorgio Ferri.....	10
Resumos das Mesas Temáticas.....	11
E os deuses criaram os homens... e as mulheres: o mito mesopotâmico de Atrahásis Profa. Dra. Katia M.P. Pozzer.....	11
Meretseger a deusa dos operários de Deir el Medina. Profa. Dra. Margaret M. Bakos.....	12
Mitos, crenças e ritos: Representações de aspectos do ritual religioso na Antiguidade grega. Profa. Dra. Lidiane Carderaro.....	13
Mães, esposas e filhas: a participação feminina da sucessão real cuxita (VIII-V a.C.) Profa. Dra. Marina Pereira Outeiro.....	14
“Uma vida tão imaculada e tão santificada”: a construção da santidade feminina nas vidas de Kunigunde von Luxemburg (975-1033) e Elisabeth von Thüringen (1207- 1231). Profa. Dra. Daniele Gallindo Gonçalves.....	15
Entre Cifras e Segredos: A ideia de qualidade oculta aplicada às palavras (Sécs. XV-XVII). Prof. Dr. Francisco Mendonça Jr.	16
Palmira, o Daesh e o Iconoclash: da estratégia da terra arrasada à política da cultura arrasada. Me. Diego Rabelo Nonato.....	18
“Orfeu e Eurídice: recepção da música e mitos gregos em cemitérios modernos, em especial no Brasil”. Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira.....	19
Resumos das Comunicações.....	20
Se você não é uma religião meu culto é a quem? A heresia cátara como dependente da cristandade. Adrienne Peixoto Cardoso.....	20

Deuses, deusas e seres humanos: uma análise do divino mesopotâmico em selos cilíndricos do III milênio AEC. Ana Beatriz Martins Tardeli; Ana Carolina Reolão Stobbe; Júlia Gonçalo Braga; Maria Clara Ritter Codinotti; Mirella Muniz Dudzig.....	22
O culto a Sulis Minerva: considerações sobre o templo da deusa das águas medicinais da Britânia-Romana no século I EC. Beatriz da Silva Ronca.....	23
Ensino, Pesquisa e Extensão em História Antiga: a proposta do podcast Diálogos Olimpianos do GEMAM. Bernardo do Amaral Brandão.....	24
Herói Cantor: Sociedade e religião nas obras homéricas. Carlos Maurício dos Santos Cabral.....	25
A Tradição de Gandhara e seus Budas: a recepção do legado helenístico pelos Governantes do Império Kushan (séc. III E.C.). Cristian de Silveira.....	26
A poética de Sófocles: Dejanira e o Coro feminino. Darcylene Pereira Domingues.....	28
Democracia, tragédia e guerras: um exercício de compreensão a partir do estruturalismo. Eliza Mara Lozano Costa.....	29
O ensino de História Antiga através do uso de mitos: um relato de experiência. Franklin Donatello Rosa.....	30
<i>ORDO VIRTUTUM</i> : um olhar sobre as representações do feminino na obra de Hildegard von Bingen (†1179). Giovana Pineda Prado.....	31
“Si este pagano se tornase cristiano”: uma análise da conversão nas recepções franco-ibéricas do legendário carolíngio (séc. XII-XVI). Gregory Ramos Oliveira.....	32
Um selo cabalístico na cidade positivista: Fato ou alucinação? Guilherme Rodrigues Bruno.....	33
Religião no Mundo Antigo: A Presença de Divindades Levantinas no Egito durante O Novo Reino. Hector Eliahou Leon Levy.....	35
Alquimista em nome de Deus: a alquimia cristã no século XVI. Isabel Antonello Flore..	37
Religiões no Mundo Romano: possibilidades (e impossibilidades) para o ensino fundamental através do <i>SET</i> Brasil. Ismael Wolf Ferreira.....	38

Por vossa majestade, dê-lhe uma morte ruim: as relações entre oferendas votivas, magia e relações sociais em Mogontiacum no século II. Jessica Brustolim.....	39
O Sagrado e o Vinho: Degustando com Dioniso no <i>Deipnosophistai</i> . Luís Giovanni Adamoli Castro.....	40
Diluindo o vinho dos bêbados: quem foi, quem deixou de ser, e quem veio a se tornar Dioniso. Margot Barros Busato	41
A efeminação dos sacerdotes “galos” do culto de Atargatis na cidade sagrada de Hierápolis: uma análise da obra <i>A Deusa Síria</i> , de Luciano (século II EC). Maria Clara Turcato da Costa.....	42
Dioniso sob controle: do ritual mitológico primitivo à Tragédia Clássica. Marina de Oliveira.....	43
Política e Dioniso: notas sobre a relação entre pólis e tragédia. Matheus Barros da Silva.....	44
Os Vitorianos, a Idade Média e o Mito do Rei Cruzado: Um Estudo de Caso sobre o Culto à Imagem de Ricardo I (1819 – 1901). Mauricio da Cunha Albuquerque.....	45
“Mostrem-lhe, pois, o que não há nunca visto”: as “maravilhas” (karāmāt) dos santos e as “maravilhas” ('aja'ib) dos iogues através de ibn Battuta (1304-1368 d.C/703-770 H.). Patrik Madruga Gonçalves.....	46
Eros e Afrodite: o amor avassalado encontrado nas poesias de Safo de Lesbos. Talita dos Santos.....	47
O cortejo pederástico entre Posídon e Pélops nas cerâmicas áticas: imagens de um mito que inspirou flertes entre <i>erastai</i> e <i>eromenoi</i> em Atenas (VI-IV A.E.C.). Vander Gabriel Camargo.....	48
Uma divindade complexa: o mito e rito a Priapo em Grécia e Roma, um apanhado de evidências espalhadas pelo Mediterrâneo Antigo (séc. III a.C. ao VI d.C.). Vitor Naoki Miki Gomes.....	49

Apresentação

Em 2022, a Jornada de História Antiga da UFPel completou 30 anos de trajetória. Em sua modalidade, é hoje o evento mais antigo da universidade. Para comemorar este feito, realizaremos em 2023 a XXIII edição, intitulada “Mitos, crenças e ritos: religiões do mundo antigo e medieval”.

A proposta do evento é proporcionarmos um debate sobre aspectos da religiosidade de variadas civilizações e culturas da Antiguidade e do Medievo, trazendo a diversidade em suas várias expressões, no que tange seus mitos, crenças e rituais. Comporta ainda o estudo das formas de recepção das religiosidades antigas e medievais em suas diferentes posteridades, inclusive no mundo moderno e contemporâneo, contemplando até os debates sobre a sua presença na cultura pop (exemplo: personagens mitológicos egípcios, gregos, nórdicos), assim como as possibilidades de se trabalhar com o tema no ensino de História.

Ao longo destes 30 anos de JHA/UFPel, alternamos edições locais e internacionais. A XXIII JHA será uma edição internacional, com palestrantes convidados, do exterior e do Brasil, os quais compartilharão resultados de suas pesquisas em conferências, palestras e minicursos. Para fomentar o diálogo entre os pesquisadores consolidados e pesquisadores emergentes, em diversos níveis de formação, haverá também apresentação de comunicações, por inscrição, abertas à participação de graduandos a doutores. Professores da rede de ensino costumam integrar-se ao evento, quer como público, quer como comunicadores.

Após duas edições realizadas em modo remoto, na XXIII JHA queremos nos encontrar, compartilhar nossas experiências e trocas presencialmente. Assim, o evento será integralmente presencial.

As atividades do evento dividem-se em três modalidades: as conferências, em número de três, realizadas à noite; as mesas temáticas, cada um com dois palestrantes convidados, em número de quatro; e as sessões de comunicação, em número de seis. Em um momento de retomada dos encontros presenciais, mas de um financiamento ainda incipiente, há que se valorizar o espírito de solidariedade e colaboração, que revigora nossa comunidade de antiquistas, e, sobretudo, o empenho dos jovens pesquisadores em submeterem propostas e buscarem a viabilização de sua vinda a Pelotas. Todos estão ansiosos pela retomada dos contatos interpessoais, presenciais, e das redes acadêmicas e amizades intelectuais que daí frutificam.

Seguindo os princípios que norteiam as Jornadas de História Antiga da UFPel, mesclam-se na programação pesquisadores seniores consolidados, pesquisadores juniores e

jovens pesquisadores emergentes em formação. Além disso, apreciamos integrar instituições de ensino e pesquisa dos variados flancos do país, e oportunizar a nossos jovens pesquisadores o contato com pesquisadores estabelecidos, nacionais e estrangeiros, visto que assim se potencializam oportunidades futuras a todos, e assim a área prospera e se renova.

Os conferencistas são Daniel Rinaldi, da Udelar, fazendo a abertura do evento, que falará sobre o mito de Jacinto em Filóstrato e sua relação com as artes visuais. Caberá a Giorgio Ferri, do Dipartimento di Storia, Antropologia, Religioni, Arte, Spettacolo, da Sapienza Università di Roma, as duas conferências que constituem o carro chefe do evento, referentes ao tema do movimento ritual na Roma antiga, focando, na primeira fala, o rito e os sálios, e, na segunda, as Lupercálias e a *equitum*.

As mesas temáticas alternam-se entre assuntos da Antiguidade oriental e ocidental, do Medievo e de Recepção dos Mundos antigos e medievais. Iniciamos com a mesa de Oriente Antigo. A assírióloga Katia Pozzer (UFRGS) abordará um mito de criação mesopotâmico, enquanto a egíptologa Margaret Bakos (UEL) nos trará a devocão dos operários da cidade de Deir el-Medina pela deusa Meretseger.

Segue-se a mesa dedicada a Grécia e África antigas. Inicia-se com Lidiane Carderaro (MAE/USP), que analisará representações iconográficas de aspectos do ritual religioso na Antiguidade grega, articulando mitos, crenças e ritos. A mesa se completa com a jovem pesquisadora, que desponta em nosso meio em uma área que há muito esperava receber contribuições e novos olhares de nossos pesquisadores brasileiros, o reino cuxita, civilização africana que se desenvolveu em paralelo ao Egito faraônico e que suscita cada vez mais o interesse dos historiadores e arqueólogos. Marina Outeiro (Unipampa - Bagé) discorrerá sobre a participação feminina na sucessão do reino do Cuxe, entre o século VIII e V a.C.

Na sequência, termos a mesa que abordará a religiosidade medieval. Primeiro ouvimos a historiadora e germanista Daniele Gallindo Gonçalves (UFPel), que desenvolverá a temática da construção da santidade feminina no medievo da Europa central, abordando dois casos, Kunigunde von Luxemburg (975-1033) e Elisabeth von Thüringen (1207-1231). A mesa é composta ainda pelo medievalista Francisco Mendonça Jr. (UFSM), que nos brindará com assunto relacionado à magia e ocultismo nos séculos XV a XVII.

A última mesa trata de Recepção e Patrimônio. O jovem pesquisador Diego Rabelo Nonato (UFPel) analisará as relações entre o patrimônio arqueológico sírio – em particular a cidade de Palmira, exemplar único de Patrimônio da Humanidade e capital de um antigo reino próspero e cosmopolita no Oriente Médio – e a prática do Iconoclash pelo Daesh, grupo

terrorista que se autodenominou Estado islâmico ao exercer por alguns anos hegemonia política sobre parte do território sírio e iraquiano.

Boa parte do espírito de renovação que queremos encontrar nesta jornada poderá ser observado nas comunicações, distribuídas em seis sessões: três sessões sobre religiões da Antiguidade, uma sobre religiões do Medievo, uma sobre Recepção das religiosidades antiga e medieval, e, finalmente, uma sessão dedicada à religião no ensino de História antiga e medieval.

A diversidade das abordagens, objetos e fontes é convidativa para se conhecer a efervescência dos estudos neste campo. Mas avaliar os números da XXIII JHA também é revelador, visto que foi desafiador propor, após a descoberta das facilidades dos encontros virtuais, que nossa jornada seria inteiramente presencial, para, durante estes dias, abrirmos parênteses em nossas vidas, e focarmos exclusivamente em nosso encontro, nossos debates, nossas vivências. Assim, o encontro ganha ares de um colóquio, pois conseguimos evitar o paralelismo de sessões, de sorte que todos poderão se ouvir. Além dos dez palestrantes, serão 25 comunicações que nos permitirão vislumbrar pesquisas desenvolvidas nos níveis da graduação e pós, bem como vinculadas à prática docente em ensino básico e superior.

Estarão representadas na XXIII JHA ao todo, além da UFPel, 13 instituições, duas estrangeiras, Universidad de la República, de Montevidéu, e a “Sapienza” Università di Roma, e onze nacionais, a saber, FURG, UEL, UERJ, UFFS, UFPR, UFRGS, UFSM, UNICAMP, UNIPAMPA, UNIRIO e USP. Assim, todas as cinco IFES gaúchas e universidades sediadas em Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro.

As Jornadas de História Antiga são organizadas desde 2012 pelo Laboratório de Estudo sobre a Cerâmica Antiga – LECA/UFPel, e se tornam possíveis sempre graças à conjugação de diferentes apoiadores e financiadores. Neste ano, completa uma década a cooperação com o NEA/UERJ – por meio da parceria com a profa. Maria Regina Cândido e sua equipe, destacadamente o colega José Roberto Paiva Gomes. Essa cooperação tem resultado na publicação dos *Cadernos de Resumos*, sempre disponibilizados online e com ISSN. A XXIII Jornada beneficia-se do apoio institucional dos Programas de Pós-Graduação em História – PPGH/UFPel e em Memória e Patrimônio – PPGMP/UFPel, que por meio dos recursos advindos do PROAP/CAPES apoia a estada em Pelotas dos palestrantes convidados. Ainda na UFPel, contamos com o suporte da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, por meio de uma cota de Bolsa de Extensão, e da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, que apoia a alimentação de alguns estudantes vindos de outras universidades.

Por último, mas não menos importante, no tocante ao financiamento, nos sentimos muito prestigiados pelos arranjos interinstitucionais e internacionais que permitiram a vinda à Pelotas do professor Giorgio Ferri, renomado historiador da religião da Antiguidade romana. À gentileza da colega Cláudia Beltrão e ao espírito de solidariedade do PPGH/UNIRIO, agradeço a possibilidade de nossa universidade desfrutar da colaboração costurada entre a “Sapienza” Università di Roma, a UNIRIO e o ANHIMA – Anthropologie et Histoire des Mondes Antiques, da École Pratique des Hautes Études – EPHE, Paris, neste projeto que conta com o financiamento da Comissão Europeia, por meio da Bolsa Global Marie Skłodowska-Curie Global Fellowship (Grant agreement n. 101024439).

Finalmente, há que se destacar que nas Jornadas pulsa o coração estudantil. Afinal, elas são resultado do trabalho sério, dedicado e competente de estudantes da UFPel e parceiros externos, que apaixonadamente, ao longo de três décadas, garantem a qualidade do evento e sua constante renovação. Vale ressaltar que constitui também uma importante experiência para formação profissional de nossos estudantes, no que tange a concepção intelectual e gerenciamento de eventos acadêmicos.

Na pessoa da acadêmica Caroline Melo Armesto, bolsista do projeto e secretária da XXIII JHA, agradeço, do fundo do coração, a equipe que vem se dedicando com muita responsabilidade e diligência ao sucesso desta jornada. Devo também agradecer a todos os colegas que aceitaram o convite para participarem desta edição tão especial de nossa jornada, assim como os pesquisadores que submeteram suas propostas de comunicação para enriquecer os debates de nossa jornada. Meu agradecimento não menos significativo ainda ao comitê científico.

Já este que assina esta apresentação, encerrará a mesa temática sobre patrimônio e recepção tratando da presença da música grega antiga em alguns cemitérios brasileiros, observando, em especial, como a referência a mitos gregos antigos funciona ao mesmo tempo como um veículo para ressignificar, modernamente, significações da música no imaginário da morte e do morto.o que colaborou com a qualidade do evento.

Pelotas, em 12 de maio de 2023.

Fábio Vergara Cerqueira
Coordenador da XXIII Jornada de História Antiga



PROGRAMAÇÃO GERAL

15.05.2023 - SEGUNDA-FEIRA

13:40h - Sessão de Comunicações 1 - Religiões da Antiguidade I

Mediadora: Darcylene Pereira Rodrigues

O cortejo pederástico entre Posídon e Pélops nas cerâmicas áticas: imagens de um mito que inspirou flertes entre *erastai* e *eromenoi* em Atenas (VI-IV AEC)

Vander Gabriel Camargo (Mestrando em História – UFRGS)

Uma divindade complexa: o mito e rito a Priapo em Grécia e Roma, um apanhado de evidências espalhadas pelo Mediterrâneo Antigo (séc. III a.C. ao VI d.C.)

Vitor Naoki Miki Gomes (Mestrando em História – UFPel)

Dioniso sob controle: do ritual mitológico primitivo à Tragédia Clássica

Marina de Oliveira (Professora do curso de Teatro da UFPel)

O Sagrado e o Vinho – Degustando com Dioniso no *Deipnosophistai*

Luís Giovani Adamoli Castro (Mestre em História – UFPel)

16h - Sessão de Comunicações 2 - Religião no Ensino de História Antiga e Medieval

Mediadora: Jessica Santos

Religiões no Mundo Romano: possibilidades (e impossibilidades) para o ensino fundamental através do set brasil

Ismael Wolf Ferreira (Doutorando em História – UNIRIO)

O ensino de História Antiga através do uso de mitos: um relato de experiência

Franklin Donatello Rosa (Mestrando em História – UFPel)

Ensino, Pesquisa e Extensão em História Antiga: a proposta do podcast Diálogos Olimpianos do GEMAM

Bernardo do Amaral Brandão (Graduando em História – UFSM)

19:30h - SOLENIDADE DE ABERTURA E CONFERÊNCIA DE ABERTURA

Solenidade de abertura

Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira (UFPel)

Prof. Dr. Sebastião Peres (UFPel)

Prof. Dr. Wilian Bonete (UFPel)

Conferênciа de abertura

“Jacinto” de Filóstrato el Viejo. Literatura y artes plásticas

Daniel Rinaldi (Universidad de la Repùblica, Uruguai)

16.05.2023 - TERÇA-FEIRA

8:30h - Sessão de Comunicações 3 - Religiões da Antiguidade II

Mediadora: Beatriz da Silva Ronca

A efeminação dos sacerdotes “galos” do culto de Atargatis na cidade sagrada de Hierápolis: uma análise da obra A Deusa Síria, de Luciano (século II EC)

Maria Clara Turcato da Costa (Graduanda em História – UFSM)

O culto a Sulis Minerva: considerações sobre o templo da deusa das águas medicinais da Britânia-Romana no século I EC

Beatriz da Silva Ronca (Mestranda em História – UFPR)

Por vossa majestade, dê-lhe uma morte ruim: as relações entre oferendas votivas, magia e relações sociais em Mogontiacum no século II

Jessica Brustolim (Mestranda em História – USP)

10:30h - Sessão de Comunicações 4 - Religiões do Medievo

Mediador: Maurício da Cunha Albuquerque

“Mostrem-lhe, pois, o que não há nunca visto”: as “maravilhas” (*karāmāt*) dos santos e as “maravilhas” (*‘aja’ib*) dos iogues através de *ibn Battuta* (1304-1368 d.C./703-770 H.)

Patrik Madruga Gonçalves (Mestrando em História – UFSM)

Alquimista em nome de Deus: a alquimia cristã no século XVI

Isabel Antonello Flores (Graduanda em História – UFSM)

Se você não é uma religião, meu culto é a quem? A heresia cátara como dependente da cristandade

Adrienne Peixoto Cardoso (Mestranda em História – UFPel)

14h - Mesa Temática 1 - Antigo Oriente

E os deuses criaram os homens... e as mulheres: o mito mesopotâmico de Atrahâsîs

Katia M.P. Pozzer (UFRGS)

Meretseger a deusa dos operários de Deir el Medina

Margaret M. Bakos (UEL)

16h - Mesa Temática 2 - Grécia e África Antigas

Mitos, crenças e ritos: Representações de aspectos do ritual religioso na Antiguidade grega

Lidiane Carderaro (MAE-USP)

Mães, esposas e filhas: a participação feminina da sucessão real cuxita (VIII-V a.C.)

Marina Outeiro (UNIPAMPA)

19h - Conferência - Movimento Ritual na Roma Antiga I

Movimento ritual na Roma antiga: o rito e os sálios

Giorgio Ferri (“Sapienza” Universidade de Roma, Itália)

17.05.2023 – QUARTA-FEIRA

8:30h - Sessão de Comunicações 5 - Religião na Recepção da Antiguidade e do Medievo

Mediador: Daniele Gallindo

A Tradição de Gandhara e seus Budas: a recepção do legado helenístico pelos Governantes do Império Kushan (séc. III EC)

Cristian de Silveira (Mestrando em História – UFRGS)

“Si este pagano se tornase cristiano”: uma análise da conversão nas recepções franco-ibéricas do legendário carolíngio (séc. XII-XVI)

Gregory Ramos Oliveira (Mestrando em História – UFPel)

Os Vitorianos, a Idade Média e o Mito do Rei Cruzado: um estudo de caso sobre o culto à imagem de Ricardo I (1819–1901)

Mauricio da Cunha Albuquerque (Doutorando em História – UFPel)

Um selo cabalístico na cidade positivista: fato ou alucinação?

Guilherme Rodrigues Bruno (Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo – UFFS)

10:30h - Sessão de Comunicações 6 - Religiões da Antiguidade III

Mediador: Matheus Barros da Silva

Diluindo o vinho dos bêbados: quem foi, quem deixou de ser, e quem veio a se tornar Dioniso

Margot Barros Busato (Graduanda em História – UFPel)

A poética de Sófocles: Dejanira e o Coro feminino

Darcylene Pereira Domingues (Doutoranda em História – UFPel)

Política e Dioniso: notas sobre a relação entre pôlis e tragédia

Matheus Barros da Silva (Doutorando em História (UFRGS)

Eros e Afrodite: o amor avassalado encontrado nas poesias de Safo de Lesbos

Talita dos Santos (Mestranda em História – UFPR)

14h - Mesa Temática 3 - Medievo

“Uma vida tão imaculada e tão santificada”: a construção da santidade feminina nas vidas de Kunigunde von Luxemburg (975-1033) e Elisabeth von Thüringen (1207-1231)

Daniele Gallindo Gonçalves (UFPel)

Entre Cifras e Segredos: A ideia de qualidade oculta aplicada às palavras (Séc. XV-XVII)

Francisco Mendonça Jr. (UFSM)

16h - Mesa Temática 4 - Recepção e Patrimônio

Palmira, o Daesh e o Iconoclash: da estratégia da terra arrasada à política da cultura arrasada

Diego Rabelo Nonato (UFPel)

Orfeu e Eurídice: recepção da música e mitos gregos em cemitérios modernos, em especial no Brasil

Fábio Vergara Cerqueira (UFPel)

19h - Conferência - Movimento Ritual na Roma Antiga II

Movimento ritual na Roma antiga: as Lupercálias e a *transvectio equitum*

Giorgio Ferri (“Sapienza” Universidade de Roma, Itália)



RESUMOS DAS CONFERÊNCIAS

“Jacinto” de Filóstrato el Viejo. Literatura y artes plásticas

Prof. Dr. Daniel Rinaldi (Universidad de la República)

En los Cuadros describe Filóstrato el Viejo sesenta y cinco pinturas de una colección de Nápoles. Con esta obra, que no trata ni de pintores ni de sus vidas, pretende el sofista y rétor dar a conocer diversos εἴδη ζωγραφίας, diversas “formas de pintura”, en forma de ὄμιλοι, esto es, de “conversaciones-lecciones”, que destina a unos jóvenes, exposición que les servirá de modelo para aprender a interpretar y a apreciar lo que hay de estimable en los cuadros. En la descripción de las pinturas, combina Filóstrato la écfrasis (ἐκφρασις), un ejercicio habitual en las escuelas de retórica, con la epídeixis (ἐπίδειξις) del maestro. En uno de los cuadros que describe el pintor ha representado un incidente del mito de Jacinto. Dice el rétor: λέγει δὲ ἡ γραφὴ, “la pintura dice (o cuenta)”. En su discurso (λόγος) va Filóstrato de lo plástico a lo literario y de lo literario a lo plástico. Nos hace ver un cuadro de cuya existencia material nada se puede decir pero que con sus palabras pone ante nuestros ojos. Y aunque el cuadro existe únicamente en la descripción del sofista, podemos relacionarlo con algunas representaciones antiguas de la misma escena así como con otras modernas.

Movimento Ritual na Roma Antiga

Prof. Dr. Giorgio Ferri (“Sapienza” Università di Roma)

The proposal is related to my ongoing MSCA project RITMO aimed at exploring the place-making function of ritual movement, that is the movement of individuals or groups on more or less fixed routes for religious causes or purposes (e.g. processions), in Roman religion. The main objective of the project is to study the impact of continued performance of ritual movement on the cultural, social, and physical creation of religious places in ancient Rome. The conferences will aim first at providing a methodological survey on ritual performance by defining what is a rite, thus ritual movement. Attention will be given also to the spatial dimension of human experience, especially in the field of religion, to delve into the cultural transformation of “space” into a “place”. This will allow us to delve into some particularly interesting key case studies of ritual movement in Roman religion: Salian rituals, the *transvectio equitum* and the *Lupercalia*. Such rituals could transform ‘space’ into a (religious) ‘place’; they shaped (and were shaped by) emotions, identity, and memory, by finally becoming embedded in Rome’s sacred landscape. Whereas the routes and stages of such rituals could be fixed or did not undergo frequent or substantial changes with every celebration, the spontaneous and diverse responses to the performance ought to have varied with each iteration; the experience (and the memory) of the ritual would have differed for each person based on his/her level of participation, social status, age, etc. Thus, through frequent enactment and the participants’ continuous engagement, such ritual movements became embedded in the places where they were performed: the relationship among the performers, the built environment and the physical landscape contributed to constantly build up Rome’s sacred landscape, ‘affecting’ space and creating a ‘new’ religious place that would be linked to that ritual and mark Rome forever.



RESUMOS DAS MESAS TEMÁTICAS

E os deuses criaram os homens... e as mulheres: o mito mesopotâmico de Atrahasîs

Profa. Dra. Katia M.P. Pozzer (UFRGS)

A Mesopotâmia, localizada no vale fluvial do Eufrates e do Tigre, atual Iraque, foi o local de surgimento das primeiras civilizações urbanas. Esse território foi palco de importantes culturas na antiguidade, como a suméria, a babilônica e a assíria, ao longo de três milênios. O politeísmo foi uma das características desta sociedade, onde cada cidade-estado possuía seu próprio panteão, criando um verdadeiro mosaico de divindades e mitologias. No período paleobabilônico os escribas inovaram, criando novos modelos de composições literárias, de cunho mitológico, que traduziam uma nova visão de mundo e uma nova capacidade de transpô-la por escrito. Nesta comunicação destacamos um de seus mitos fundadores, o Poema de Atrahasîs, que trata da origem dos homens e das mulheres, demonstrando uma visão teocêntrica do mundo. O texto foi escrito no século XVII aEC, sob o reinado de Ammi-saduqa, e teve ampla repercussão, pois foi recopiado durante mais de um milênio. Trata-se do poema épico escrito em paleobabilônico e melhor preservado da história. Tornou-se um cânone da ortografia e da gramática acádica para o período paleobabilônico utilizado no ensino desta língua semita. A ideia da criação do homem surgiu a partir de um conflito entre duas categorias hierarquizadas de divindades. A humanidade é assim inventada para realizar o trabalho que antes era tarefa dos deuses. Vale destacar que a narrativa mitológica apresenta a criação de homens e mulheres juntos, aos pares, pelas mãos de uma divindade feminina.

Meretseger a deusa dos operários de Deir el Medina

Profa. Dra. Margaret M. Bakos (UEL)

O nome Deir el Medina que, em árabe, significa *O mosteiro da Vila*, foi conferido em épocas modernas. Quando da fundação do sítio, no período entre a XVIII^a e a XX^a dinastias, o local era denominado *Sede da Verdade*. Nela viveram, ao longo de 450 anos, os trabalhadores encarregados da construção e decoração de moradias, tumbas, obeliscos e templos, alguns deles monumentais, pertencentes aos faraós e à nobreza egípcia. A morte de Ramsés III determinou, com o final da XX^a dinastia, a criação da XXI^a e, com ela, o abandono da região e o retorno da Corte para o Baixo Egito. Meretseger foi uma das divindades mais importantes destes trabalhadores. O seu nome significa *Aquela que ama o silêncio*, sendo representada por uma serpente, que era perigosa e misericordiosa, ao mesmo tempo.

Mitos, crenças e ritos: Representações de aspectos do ritual religioso na Antiguidade grega

Profa. Dra. Lidiane Carderaro (MAE-USP)

No período conhecido por Antiguidade Grega, o ser humano estabeleceu desde tempos muito remotos uma relação bastante intensa com seus mitos. Essas narrativas extraordinárias, baseadas em deuses, heróis e outras criaturas, se formaram ao longo dos séculos no imaginário coletivo para dar sentido a alguns aspectos da vida cotidiana que não dependiam unicamente das ações do homem. A crença nesses seres mitológicos deu origem a ritos religiosos e cívicos marcados por expressões culturais como música e dança. Neste trabalho trataremos de alguns aspectos expressivos dos ritos religiosos gregos, dos períodos Arcaico e Clássico, que podem ser assimilados a partir das representações na cultura material proveniente, principalmente, dos locais de culto. Dessa forma, estabelecendo a correlação mito-crença-rito no Mundo Grego.

Mães, esposas e filhas: a participação feminina da sucessão real cuxita (VIII-V a.C.)

Profa. Dra. Marina Pereira Outeiro (UNIPAMPA)

Tradicionalmente, as mulheres da realeza participaram da vida religiosa de Cuxe, ocupando prestigiosos cargos sacerdotais. Com o passar dos séculos, as relações das mulheres cuxitas com o divino, se tornam mais seculares e acarretaram consequências políticas de alcance social. No culto aos deuses, os cargos ocupados pelas mulheres da realeza cuxita contribuíram para a formação da ideologia política que fundamentava a legitimidade do poder real, mediante sua dupla atuação, na qual emulavam as funções desempenhadas pelas divindades femininas – mães e companheiras. Cargos como “Rainha-Mãe” e “Esposa Real”, se encontravam em íntima associação a funções políticas e religiosas, desempenhadas pelo rei. Assim, entendemos que o conceito de gênero, nos permite distinguir os diversos papéis atribuídos às mulheres e compreender como a interação entre os dois sexos, condicionava a vida social de Cuxe. Desse modo, podemos observar como mães, esposas e filhas influenciavam na escolha do novo rei, fortalecendo e legitimando seu governo. Identificamos que, a partir da ascensão da XXV dinastia, a atuação feminina na esfera religiosa extrapolou os limites do sagrado, se imiscuindo nos assuntos profanos. A título de exemplo, o novo rei era escolhido segundo a filiação materna e os expedientes de sua investidura, apresentavam simultaneamente características políticas e religiosas: no plano material, o aspirante seguia os critérios para comprovar sua descendência e, no plano espiritual, necessitava testificar a anuência de Amon para sua pretensão ao trono. Nesse sentido, o papel político da “Rainha-Mãe”, enquanto condutora das cerimônias de instalação dos reis em Napata, estabelecendo a permanência das antigas práticas religiosas na sucessão meroíta. Entendemos que, em Cuxe, ocorreu uma síntese entre a religiosidade egípcia e a antiga tradição matrilinear núbia, manifesta em uma ativa participação feminina em assuntos espirituais e seculares, em complemento à ação masculina para garantir o pleno funcionamento da sociedade.

“Uma vida tão imaculada e tão santificada”: a construção da santidade feminina nas vidas de Kunigunde von Luxemburg (975-1033) e Elisabeth von Thüringen (1207-1231)

Profa. Dra. Daniele Gallindo Gonçalves (UFPel)

A presente proposta de apresentação tem por objeto as vidas de dois femininos santificados no século XIII, transmitidos até nós em diversos manuscritos, dos quais selecionamos um para a presente análise. Duas figuras femininas da elite germânica, duas trajetórias de vida: Kunigunde de Luxemburg, imperatriz do Sacro Império Romano e Elisabeth von Thüringen, Landgräfin da Turíngia. Como aconteceu com outros femininos do período, também aqui encontramos uma tentativa de apagamento pela historiografia posterior. Esta priorizou figuras masculinas, deixando nossas personagens à sombra de seus esposos, homens poderosos e de destaque social. Através de múltiplas vozes masculinas (crônicas, legendas em verso, vitae), nos é dado a conhecer suas estórias. Populadas por uma série de acusações de traição, de relatos de milagres, e de sinais de santificação, essas narrativas estão repletas de tropos comuns a seu gênero. Desta forma, para pensar aproximações e distanciamentos no que tange às estratégias narrativas na construção da santidade de ambas as personagens, em nossa proposta, analisaremos, além das crônicas e demais narrativas, sobretudo as legendas acerca da imperatriz Kunigunde e da condessa Elisabeth na obra *Der Heiligen Leben* (Vidas de Santos). O legendário foi produzido na cidade de Nuremberg, atual Alemanha, em um mosteiro dominicano, em início do século XIV. Trata-se de uma grande coletânea de martírios e vitae, que se baseia no Passional (séc. XIII), no *Märterbuch* (séc. XIII) além de outras formas textuais anteriores como a legenda em verso, intitulada *Keisir vnde keisirin* (séc. XIII), de Eberhard von Erfurt ou a *Vita sanctae Elisabethae* (séc. XIII), uma hagiografia de autoria de Dietrich von Apolda. Para a análise comparada, selecionamos as legendas de Heinrich (Nr. 55) e Kunigunde (Nr. 56), que se encontram no Sommerteil, e a legenda de Elisabeth (Nr. 35), do Winterteil, com a finalidade de compreender as estratégias textuais na construção de tais santidades.

Entre Cifras e Segredos: A ideia de qualidade oculta aplicada às palavras (Sécs. XV-XVII)

Prof. Dr. Francisco Mendonça Jr. (UFSM)

Uma das contribuições mais importantes para dar formato e sustentação ao pensamento produzido pelo movimento renascentista dos séculos XV a XVII veio da magia. Ao longo do século XX, tendo como marco inicial a contribuição do Instituto Warburg, a historiografia reconheceu a importância da magia e do esoterismo para se ter a correta dimensão das práticas e do pensamento humanista. Quentin Skinner, sem nenhum exagero, pontuou que a exacerbção do projeto humanista despontaria na figura do magus cristão. Na relação dos humanistas com a Antiguidade, destacaram-se os diálogos e as apropriações de tradições mágicas como a cabala, o hermetismo e os hinos órficos, por exemplo. Várias contribuições fruto desse processo poderiam ser destacadas, mas nos dedicaremos a pensar a extensão da influência da ideia de virtudes ocultas. De forma sintética, trata-se da concepção de que no ato da criação, Deus permeou todas as coisas do mundo criado com qualidades invisíveis a olho nu, perceptíveis apenas aos iniciados. E, seria justamente através das relações de simpatia e antipatia entre tais qualidades ocultas das coisas do mundo que o universo se poria em movimento. Assim se explicaria a influência astrológica no mundo sublunar, o funcionamento dos talismãs e mesmo o magnetismo. Nesse mesmo momento, a Europa redescobria os hieróglifos egípcios. A interpretação vigente, acima de tudo entre os humanistas, era de que os hieróglifos seriam uma linguagem construída pelos sacerdotes egípcios a fim de salvaguardar um conhecimento tanto divino quanto secreto dos olhares “daqueles que não podem saber”. A ideia de uma linguagem mágica e secreta floresceu no momento em que o Segredo adquiria cada vez mais importante nos assuntos da política. Destaquesmos a capital importância que os secretários assumiam no nascente Estado Moderno. Vários tratados os declaravam como “soberanos mudos”, capazes de ecoar suas vozes por meio das palavras do *princeps*, uma vez que eram os responsáveis por lidar com o Segredo e o Sigilo dos assuntos principescos. Em outras pesquisas nos dedicamos a demonstrar como o Segredo esotérico influenciou na construção da ideia de Segredo político, marcadamente através do emprego das linguagens de comunicação secreta, tidas por muitos humanistas como uma evolução natural dos hieróglifos egípcios. Agora propomos uma reflexão associada a essa discussão historiográfica. Ao analisar obras de autores como Johannes Trithemius (1462-1516), Giambattista della Porta (1535-1615) e Heinrich Cornelius Agrippa von Nettesheim (1486-1535), verificaremos se a ideia de qualidades ocultas se

aplicaria também à linguagem, ou seja, se é adequado pensarmos no Segredo como virtude oculta da palavra. Tal exercício estará amparado pelo conceito de esoterismo cunhado por Antoine Faivre, mas levando em conta suas diversas revisões.

Palmira, o Daesh e o Iconoclash: da estratégia da terra arrasada à política da cultura arrasada

Me. Diego Rabelo Nonato (UFPel)

No ano de 2011 o fenômeno da chamadas Primaveras árabes chegou à Síria, trazendo consigo o Estado Islâmico ou Daesh, e abrindo um conflito que é considerado um terrível desastre humanitário, que contabiliza cerca de mais de 400 mil mortos. Nesta apresentação, abordaremos a destruição de um dos sítios históricos considerados patrimônio da humanidade localizado no deserto sírio, o oásis de Tadmor, ou a cidade de Palmira. Esta região do país árabe se constituiu enquanto patrimônio graças ao esforço, primeiramente de interessados em termos econômicos, isto é, pelo comércio ilegal de artefatos, depois, pela preservação, turismo e também pelo exercício científico da arqueologia, da antropologia e da história. O grupo fundamentalista desenvolveu na guerra da Síria atos de violência e destruição que também foram praticados em outros conflitos conhecidos na região como Afeganistão e também no Iraque. Chamamos de *iconoclash*, termo cunhado pelo antropólogo Ömür Harmanşah, a estética de violência construída na Síria que combinou atos de terror com peças publicitárias amplamente difundidas pela internet. As pessoas e estruturas atingidas pelo Daesh como forma de simbolizar esta terra arrasada foram, neste caso, majoritariamente escolhidas dentre aquelas que tinham relevância política no contexto da cidade. Tanto os elementos que compõem o hibridismo religioso das estruturas de Palmira como pessoas que cuidavam do aspecto técnico e científico da cidade, a exemplo do diretor do órgão responsável pelo trato das antiguidades, Khaled Assad, além de vários artefatos, foram vítimas da ação jihadista. Entre as centenas de bens danificados, roubados e contrabandeados, os de tipologia religiosa ganharam importante significado nos atos de destruição por parte dos radicais, ressaltando o significado de aspecto sectário que caracteriza grupos como o Daesh. Sua orientação teológica é oriunda do Wahabismo, um tipo de interpretação do islã Sunita de cunho extremamente conservador desenvolvido e praticado na Arábia Saudita. Sua predileção pelos artefatos religiosos também demonstra a vocação deste tipo de jihadismo a pouca disposição de convivência com o diferente, o plural etc. Portanto, pretendemos apresentar alguns aspectos da investigação iniciada em 2013 e desenvolvida ao longo dos anos.

“Orfeu e Eurídice: recepção da música e mitos gregos em cemitérios modernos, em especial no Brasil”

Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira (UFPel)

Uma das formas de recepção da música grega antiga na modernidade pode ser observada nos cemitérios. A arte cemiterial, por meio da representação de instrumentos musicais gregos agregados aos túmulos, particularmente a lira, a cítara e suas variantes, gera releituras de significações antigas da relação entre música e morte, ao mesmo tempo que enceta novas significações. Em alguns casos, a presença do instrumento é permeada por alguma narrativa mítica conhecida do repertório antigo, seja por intermédio de uma influência mais indireta, seja de modo explícito, na própria nomeação da obra artística cemiterial. É o caso do monumento à Família Trevisioli no Cemitério da Consolação em São Paulo, denominado “Lenda Grega. Orfeu e Eurídice”, de 1920, do escultor Nicola Rollo, ou ainda, do mesmo escultor, o túmulo ao maestro Luigi Chiafarelli, denominado “Euterpe”, datado de 1923. São exemplos de como o patrimônio cultural cemiterial brasileiro guarda exemplos importantes deste processo de uma recepção articulada da música e de mitos gregos antigos em um contexto de simbolização do morrer, o que nos leva a perguntar: “Orfeu e Eurídice” de Rolla no Consolação deve ser visto como excepcionalidade de um gênio artístico ou como parte de um fenômeno mais amplo de presença da música grega nos cemitérios?



RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

Se você não é uma religião meu culto é a quem? A heresia cátara como dependente da cristandade

Adrienne Peixoto Cardoso

(Mestranda em História - UFPel)

Existem duas teorias historiográficas do catarismo: a desconstrucionista e a anti-desconstrucionista. A primeira é seguida por historiadores e historiadoras como Monique Zerner; Robert Ian Moore; Pilar Jiménez-Sánchez, entre outros. A finalidade desta teoria é a desestruturação discursiva do catarismo como uma religião e a marcação da heresia, não como uma igreja independente, mas como algo relacionado ao seio da cristandade. Os cátaros existem apenas porque foram criados dentro da configuração da ecclesia, assim, existem em virtude dela. Enquanto a segunda teoria é seguida por historiadores e historiadoras como Anne Brenon; René Nelli; Michel Roquebert, entre outros. Esta teoria reflete sobre o catarismo como uma construção independente da igreja, assim, possui os seus próprios ritos e religiosidades. O objetivo desta comunicação é elucidar os pontos comparativos entre as duas teorias historiográficas e refletir sobre as razões do catarismo ser uma não-religião. Estes pontos estão presentes na configuração da heresia que dão base para as teorias, que consistem em: a cosmogonia dualista, a crença em dois seres divinos que criaram o universo, então Deus é considerado como “bom” e teria criado tudo o que é invisível, enquanto Satã é considerado como “mau” e teria criado tudo o que é visível. Assim, como toda a matéria é má (na concepção do catarismo), para que haja a libertação do pecado e o alcance da pureza, tanto do corpo quanto da mente, há jejuns, não há consumo de carne, não há prática sexual. O organograma social, a separação entre perfeitos, crentes e simpatizantes. Os primeiros são aqueles que já alcançaram a pureza absoluta e são considerados como “bispos”; os segundos são aqueles que estão em desenvolvimento, ainda na busca pela pureza; os terceiros são grupos que são favoráveis ao catarismo, mas não são praticantes, possuem um viés mais econômico do que religioso. Os ritos, o consolamentum, um ritual místico como um “batismo

espiritual”, para que o crente se torne um perfeito; o melhoramento, um rito de cumprimento entre perfeitos e crentes para que haja a bênção entre eles; o aparelhamento, o ato de confissão, um rito público em que eles relatavam os seus pecados e pediam a absolvição; a endura, o suicídio místico. Para a teoria desconstrucionista estes ritos são assimilações de ritos cristãos já consolidados antes do século XII (o século do apogeu dos cátaros), enquanto para a teoria anti-desconstrucionista demarcam estes ritos como um sinal de uma igreja independente.

**Deuses, deusas e seres humanos: uma análise do divino mesopotâmico em selos cilíndricos
do III milênio AEC**

Ana Beatriz Martins Tardeli

(Graduanda em História - UNICAMP)

Ana Carolina Reolão Stobbe

(Graduanda em História - UFRGS)

Júlia Gonçalo Braga

(Graduanda em História - UFRGS)

Maria Clara Ritter Codinotti

(Graduanda em História - UNICAMP)

Mirella Muniz Dudzig

(Graduanda em História da Arte - UFRGS)

Os selos-cilindros foram importantes objetos os quais desempenharam funções diversas no Antigo Oriente Próximo. Neles estão gravadas cenas cotidianas e mitológicas. Hoje eles são fontes relevantes já que servem como instrumento de análise para o imaginário da época à qual estão vinculados. Para Couto-Ferreira (2018), na concepção mesopotâmica as divindades eram responsáveis por terem levado ordem e equilíbrio ao mundo. A presença divina manifestava-se em todos os âmbitos da vida cotidiana. As ações humanas estavam diretamente ligadas aos propósitos estabelecidos pelas divindades, já que a prosperidade da terra era garantida através de atividades realizadas pelos humanos. O próprio mito de criação, Atrahasis, trata deste assunto. No mito, a criação humana é fruto de uma revolta de divindades secundárias, sobrecarregadas de trabalharem para divindades superiores. Os humanos então são criados justamente para carregar o fardo dos deuses. Assim, a presente pesquisa busca a glíptica em selos-cilindros do III milênio AEC disponibilizados no catálogo virtual Sceaux-cylindres du Proche-Orient Ancient (SESPOA). Para cada um dos selos, construiu-se uma ficha descritiva seguindo a metodologia proposta por E. Panofsky (1995). A metodologia de Panofsky (1995) consiste em três etapas: descrição pré-iconográfica, análise iconográfica e interpretação iconológica. Durante a pesquisa percebeu-se a presença predominante de deusas nas representações femininas, enquanto cenas masculinas estão ligadas ao combate. Esses resultados parciais revelam uma associação divina às mulheres, enquanto os homens são relacionados à guerra e às armas. As cenas que representam figuras femininas, em sua maioria, tratam de cenas de apresentação, as quais retratam um(a) adorador(a) sendo introduzidos a uma divindade principal (masculina ou feminina) pela deusa intercessora, Lamma ou alguma variação desta.

O culto a Sulis Minerva: considerações sobre o templo da deusa das águas medicinais da Britânia-Romana no século I EC

Beatriz da Silva Ronca

(Mestranda em História - UFPR)

A deusa Sulis Minerva foi descoberta juntamente com seu santuário na cidade de Bath, Inglaterra, ainda no século XVIII. Após vários anos de pesquisa e desenvolvimento da escavação do complexo de águas medicinais, do qual tomou maior importância nos anos de 1960 com os estudos do arqueólogo inglês Barry Cunliffe, e mais recentemente pelo também arqueólogo Peter Devenport, foi constatado que o culto a essa deusa foi um dos mais populares na Bretanha-romana a partir do século I EC, sendo seu santuário localizado na cidade de Acquae Sulis (atual Bath), o mais importante da região. O trabalho tem como objetivo apresentar o templo de Sulis Minerva, conhecida como a deusa das águas medicinais provenientes das fontes de água termal, que já eram locais de culto antes mesmo da chegada dos romanos ao território. A característica que mais chama a atenção quando nos deparamos com seu nome, é que ele foi composto por duas deidades: a deusa Minerva (romana) e a deusa Sulis (bretã). Tal fenômeno abre a discussão de como esta fusão aconteceu em meio a políticas romanas de dominação territorial da Bretanha a partir do século I EC, mostrando que um culto nativo perdurou e/ou se moldou na cultura do colonizador. Como fonte de pesquisa, há seu próprio santuário, um complexo construído e reconstruído durante quatro séculos e localizado na nascente da deusa bretã Sulis, ponto de adoração antes mesmo da chegada de romanos na região. Neste templo é encontrado uma variedade de simbolismos celtas conectados com representações romanas. A partir do conceito de Hibridismo Cultural desenvolvido pelo historiador Peter Burke, proponho uma investigação não só a respeito da deusa como também da mescla de práticas religiosas nativas-bretãs com as romanas, considerando a fusão do nome e simbolismos da deusa local Sulis com a deusa romana Minerva. Para isso também apresento estudos sobre a religião nativa bretã, de raízes celtas amparadas por pesquisas de Miranda Green e Martin Henin sobre simbolismo celta e a religião na Bretanha-romana.

Ensino, Pesquisa e Extensão em História Antiga: a proposta do podcast Diálogos Olimpianos do GEMAM

Bernardo do Amaral Brandão

(Graduando em História - UFSM)

Diálogos Olimpianos é um projeto de extensão do Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrâneo (GEMAM) que visa trazer o conhecimento produzido na universidade sobre as sociedades antigas de forma acessível, divertida e prazerosa através de episódios de um Podcast, disponibilizados em plataformas abertas na internet. Os episódios são apresentados em diferentes formatos: entrevistas com pesquisadoras e pesquisadores de diferentes áreas de estudos sobre a Antiguidade e comentários de fontes antigas, de trabalhos contemporâneos sobre a Antiguidade ou de temas gerais da Antiguidade, geralmente frutos das pesquisas e estudos realizados pelos membros do GEMAM. Visamos atingir um público amplo que não se limite apenas aos estudantes universitários, para isso buscamos desenvolver uma linguagem mais acessível e didática. No entanto, nos preocupamos em não deixar de apresentar o conteúdo de forma interpretativa, estrutural e problematizada e a partir do rigor das pesquisas científicas. Esperamos, com isso, ampliar o conhecimento público sobre elementos da sociedades antigas, propondo discussões que levem à reflexão crítica sobre a imperiosa e tradicional morfologia da História Antiga, dividida no binômio Antiguidade Clássica e Antiguidade Oriental. Embora o nome do Podcast seja Diálogos Olimpianos, o que se refere aos deuses gregos do Olimpo, nosso interesse não se limita apenas à Grécia, tampouco à chamada Antiguidade Clássica, pelo contrário, os projetos e interesses do GEMAM e do Podcast visam justamente propor discussões que levem à reflexão crítica sobre a tradicional morfologia da História Antiga, dividida no binômio Antiguidade Clássica e Antiguidade Oriental. O nome do Podcast veio de outro trabalho que o GEMAM já mantém, o Notícias Olimpianas, um boletim de textos disponível no site do grupo. Dessa maneira, apresentamos nosso interesse em pensar e divulgar a pluralidade de experiências e as integrações entre as sociedades na chamada Antiguidade a partir do debate interdisciplinar. Além do Spotify, disponibilizamos o Podcast em várias outras plataformas de Podcasts e Aplicativos. Um outro meio que começamos a usar foi o Youtube, disponibilizando os episódios no canal do GEMAM, onde temos recebido muitos ouvintes que, por terem espaço de respostas, costumam interagir trazendo questões e dialogando com nosso trabalho.

Herói Cantor: Sociedade e religião nas obras homéricas

Carlos Maurício dos Santos Cabral

(Graduado em História - UFRGS)

A figura do herói é importante para compreender a sociedade grega, na qual Homero era protagonista, principal educador de várias gerações, especialmente de jovens aristocratas. No presente trabalho, investigou-se a imagem do herói grego nos poemas homéricos, sua importância para a sociedade grega pós-homérica e a influência sobre a educação do homem grego (*Paideia*). O “herói cantor” tinha caráter divino e servia de referência para o conjunto de comportamentos celebrados na ética heroica. Ele ocupa a parte final deste trabalho, juntamente com as Musas e a história que é transmitida por ambos. Os poemas homéricos (séc. IX a. C.) têm como um dos temas centrais a figura do herói grego. A Ilíada e a Odisseia, compostas por Homero, são as principais fontes de conhecimento sobre o passado heróico grego, em sentido mítico, histórico, cultural e político. O que é um herói grego? Um herói (*héros*) grego é um homem elevado ao patamar de quase divindade, obtendo assim a *kléos* (glória) e sendo imortalizado na memória da sociedade por meio de poemas e canções sobre sua história. As Musas e os aedos eram responsáveis por transmitir o feito notável do herói, que chega a seu auge glorioso com a “bela morte” (*kalós thánatos*). O herói tem como preceito um código de honra, pelo qual rege suas ações, conforme for mais honroso para si próprio. Os heróis homéricos criaram uma normativa cultural a ser seguida, na busca pela excelência nas artes, na luta e no saber falar. A educação dos gregos sofreu grande influência dos heróis de Homero, com a busca do cidadão pela *kállos* (beleza) “no sentido normativo da imagem desejada, do ideal.” (JAEGER, 2010, p. 24) Além da busca pela beleza, o homem grego também buscava a *areté* (virtude). O estudioso alemão Werner Jaeger (2010), com seu trabalho intitulado *Paideia: a formação do homem grego*, mostra como era feita a formação, instrução e educação do jovem aristocrata grego.

**A Tradição de Gandhara e seus Budas: a recepção do legado helenístico pelos
Governantes do Império Kushan (séc. III EC)**

Cristian de Silveira
(Mestrando em História – UFRGS)

A região da Ásia Central e Meridional ao longo dos últimos séculos Antes da Era Comum (AEC) e dos primeiros séculos da Era Comum (EC) foi local de intensos contatos culturais intercontinentais. A introdução da cultura helenística nessa região durante as conquistas de Alexandre, o Grande no final do quarto século AEC e a consolidação posterior de produções culturais através dos reinos sucessores ao Império de Alexandre acabou por promover uma vinculação de variados aspectos da cultura helenística à região, tendo entre essas, a proliferação de produções imagéticas gregas. A influência da tradição helenística nas produções imagéticas dessas regiões se manteve após o fim dos reinos helenísticos que ali tinham se estabelecido. Invasões nômades sucessivas às regiões helenizadas da Ásia Central e Meridional acabaram na organização do chamado Império Kushan, por volta do ano 50 EC, após a subjugação de parte dessas regiões sob o controle do grupo nômade dos Kushan. O Império Kushan mantinha uma tradição helenística forte, devido a sua localização central nas regiões helenizadas dentro da Ásia Central, com a dinastia governante também rapidamente se adaptando à religiosidade budista vinda da Ásia Meridional, formando assim outra influência para a transmissão da religião ao longo da Ásia Central. Essa tradição helenística dentro do Império Kushan, somada com as crenças budistas, formou um estilo único de produções imagéticas, denominadas normalmente de arte Greco-Budista ou estilo de Gandhara, com representações budistas através de esculturas de inegável influência helenística sendo produzidas desde, pelo menos, o primeiro século EC. Assim, pretende-se tratar das representações imagéticas budistas produzidas durante o terceiro século EC, sendo este o ápice das produções do estilo de Gandhara, como indicativo de contatos culturais e da legitimidade política dos governantes do Império Kushan em seus territórios na Ásia Central e Meridional. Tendo como enfoque a dimensão visual da sociedade multicultural do Império Kushan, procura-se estabelecer um diálogo entre as construções iconográficas que ali se inseriam para com o estilo de Gandhara, como influências helenísticas, romanas, kushanas e indianas, a fim de possibilitar um quadro comparativo dessas diferentes produções imagéticas. Propõe-se que essa utilização dos recursos iconográficos pelos governantes tinha o intuito de fazê-los se incorporarem às tradições locais e, consequentemente, se legitimarem politicamente através de sua inclusão nesse contexto cultural demonstrado nas produções

imagéticas. A construção da legitimidade política através das produções imagéticas será analisada a partir de duas dimensões. Primeiro, o suposto “naturalismo” das representações, que se deslocaria nesse sentido da produção de uma representação ideal religiosa budista; segundo, as influências culturais que podem ser analisadas nestas produções, sendo estas influências, que se unem de forma sincrética nas obras, uma suposta forma de assimilar diferentes vertentes culturais existentes dentro da sociedade governada pelos Kushans. Dessa forma, através da interpretação iconológica de produções imagéticas do estilo de Gandhara, o presente estudo propõe-se a compreender como a legitimidade dos governantes Kushans pode ter sido reforçada através do financiamento e de sua conexão direta com produções imagéticas ligadas à cultura e à religiosidade da região em que seu império estava inserido.

A poética de Sófocles: Dejanira e o Coro feminino

Darcylene Pereira Domingues

(Doutoranda em História - UFPel)

O presente trabalho dedica-se a analisar a tragédia grega intitulada *As Traquínias* de autoria de Sófocles por volta do ano de 430 a.C. representada na cidade de Atenas no teatro de Dioniso. Nesse sentido, observamos em cena a personagem Dejanira, esposa do herói Héracles, juntamente com o Coro feminino composto pelas moradoras da cidade de Tráquis realizando um diálogo constante a respeito do feminino no interior da pôlis. Dejanira uma mulher madura e com filhos reivindica através de uma poção mágica a paixão do seu esposo mais uma vez, contudo, torna-se a responsável por um embuste e a realizadora da profecia anterior conhecida sobre o fim do filho de Zeus. Logo, desejamos analisar a construção discursiva dessas personagens e o discutir próprio do feminino e do seu espaço de ação no interior de uma sociedade androcêntrica.

**Democracia, tragédia e guerras: um exercício de compreensão a partir do
estruturalismo**

Eliza Mara Lozano Costa

(Professora da FURG)

Muito se comentou sobre a simultaneidade da tragédia e da democracia aproximadamente entre os séculos V e IV a.C. Procuramos aqui discutir a possibilidade de interpretar essa simultaneidade a partir de ideias de Lévi-Strauss e, incluindo a presença constante nesse período, das guerras, utilizaremos, também, de ideias de Pierre Clastres. A partir disso, nosso exercício é pensar que democracia, tragédias e a guerras seriam relações de oposição e similaridade que, de algum modo, seriam formas de manusear as oposições razão x emoção e corpo x mente, num período de formação de um novo modo de pensar o ser humano e da cidades.

O ensino de História Antiga através do uso de mitos: um relato de experiência

Franklin Donatello Rosa

(Mestrando em História - UFPel)

Os mitos advindos da Antiguidade, especialmente a grega, em um contexto ocidental, estão presentes em nosso imaginário desde detalhes do nosso cotidiano (como quando utilizamos a expressão "caixa de Pandora") até os seus diversos usos na cultura pop, como por exemplo, os livros voltados para o público infanto-juvenil da série *Percy Jackson e os Olimpianos* do autor Rick Riordan, as animações como Hércules e os filmes como Tróia. Sendo assim, quando chega a hora de o professor da disciplina de História trabalhar com temáticas relacionadas à Antiguidade, é necessário estar ciente sobre o quanto os alunos estão familiarizados com personagens, narrativas, expressões ou mídias de recepção da antiguidade, que possam ser utilizados como gatilhos para despertar o interesse da turma, tornando as aulas sobre temáticas relacionadas ao mundo antigo mais envolventes e próximas do cotidiano dos alunos. Na presente comunicação será apresentado um relato de experiência de diferentes aulas da disciplina de História ocorridas no ano de 2019 para uma turma de oitavo ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede privada situada na cidade de Pelotas-RS. As aulas a serem relatadas e posteriormente comentadas abordaram conteúdos relacionados ao Egito Antigo e a Grécia Antiga, de acordo com o plano desenvolvido pela escola, que durante o período se diferenciava do indicado pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular) do Ensino Fundamental (2027), onde os conteúdos relacionados ao Egito e Grécia Antiga são voltados para o sexto ano do Ensino Fundamental. Durante ambas as aulas foram trabalhadas as questões de religião na Antiguidade, com foco na mitologia grega e egípcia, tendo como suporte principal o livro didático. Desta forma, a presente comunicação tem como objetivo principal discutir, a partir da experiência apresentada, a importância da abordagem dos mitos durante as aulas de História e o fascínio despertado nos alunos durante as exposições e discussões sobre os diferentes mitos e religiosidades presentes na Antiguidade.

***ORDO VIRTUTUM: um olhar sobre as representações do feminino na obra de
Hildegard von Bingen (†1179)***

Giovana Pineda Prado

(Graduanda em História - UFPel)

Ordo Virtutum é um drama sacro em ópera, composto por Hildegard von Bingen (†1179), abadessa beneditina do Mosteiro de Rupertsberg, que destaca-se politicamente, intelectualmente e religiosamente. Constituída como parte de uma visão tida sob inspiração divina e de sua missão profética, a peça agrega elementos musicais, literários e reflete os valores referenciados e desejados de uma comunidade. Inserimos-nos no século XII, notado por suas transformações e produção de conhecimento religioso, para analisar uma representação das concepções de mundo, das dinâmicas de modelos culturais religiosos que permeiam o equilíbrio espiritual e a moderação. Somos apresentados à disputa entre as Virtudes que aproximam as almas encarnadas de Deus e as investidas dos vícios do mundo que as levam ao Diabo. *Ordo Virtutum* é uma síntese do percurso da alma humana defendido por Hildegard von Bingen (†1179) em *Scivias*, que discute o pecado, o arrependimento e a salvação em Cristo. Assim, a principal proposta para esta comunicação é, então, utilizar a peça como fonte para observá-la enquanto produção de uma mulher no universo religioso medieval. É costumeiro olhar para o passado e recordar dos homens que imaginaram o cosmos, a relação com o divino, idealizaram a si mesmos e aos outros e constituíram suas oposições. Para que a inserção da figura feminina se dê para além de mencioná-las em sua temporalidade, busco olhar, brevemente, a obra de Hildegard von Bingen (†1179) na discussão do contexto de sua produção, a partir da idealização de Bingen na construção das “Virtudes” via o feminino. Olhando sobre quais valores e emoções são evocados a estas alegorias e de que maneira esses discursos iam de encontro com os modelos e atribuições de gênero da temporalidade; assim como sobre quais elementos retóricos a abadessa recorre na obra. Busco nessa comunicação referenciais metodológicos que consideram as diferentes formas que uma fonte documental se comunica, e sobre como os usos históricos de representações do feminino em determinados discursos constrói diferentes perspectivas do ser mulher que reforça ou questiona sistemas culturais.

**“Si este pagano se tornase cristiano”: uma análise da conversão nas recepções
franco-ibéricas do legendário carolíngio (séc. XII-XVI)**

Gregory Ramos Oliveira

(Mestrando em História – UFPel)

Este trabalho tem por objetivo analisar as modificações nas descrições de conversões dos muçulmanos ao cristianismo presentes nas narrativas do Legendário Carolíngio, nomeadamente a *Chanson de Roland* (c. 1100), a Joannes Turpini *Historia de Vita Karoli Magni et Rotholandi* (c. 1150), e a *Historia del Emperador Carlomagno y de los doce pares de Francia* (1521-1525). Enquanto a primeira fonte inaugura um gênero literário pautado em recepções medievais ligadas à Campanha na Hispania dos francos sob o comando de Carlos Magno (777-778), que narram a derrota das tropas carolíngias diante dos bascos cristãos latinos no desfiladeiro de Roncevaux, a também chamada “Crônica de Pseudo-Turpin” busca revestir a narrativa com caracteres “não-fictícios” (divergindo das chansons, providas de caráter poético/prosaico), servindo de fonte para outra série de fontes similares (a citar, o *Speculum Historiale*, de Vincent de Beauvais, composto no século XIII). Por fim, a *Historia del Emperador Carlomagno* recebe influência de outro conjunto de fontes (como, por exemplo, *La Conqueste du grand Roy Charlemagne*, de Jehan Bagnyon, c. 1465-1470), ao passo que apresenta elementos que diriam respeito antes ao contexto da península ibérica medieval do que ao já longínquo *Regnum de Carlos Magno*. A presença de descrições do choque entre cristãos e “mouros”, com discursos que evidenciam o anseio cristão por um mundo unificado sob a mesma fé, é uma constante nas recepções abordadas, sobretudo nas *Chansons de geste*. Entretanto, a transformação do outro em parte da mesma comunidade não significa o abandono do status de outro pela personagem assimilada pela conversão. Através da comparação entre as passagens especificamente ligadas ao batismo dos muçulmanos, como nos casos da conversão de Fierabrás e Floripes, buscaremos ressaltar o contexto no qual as diferentes fontes foram produzidas, bem como apontar para a conversão enquanto uma estratégia de assimilação parcial do outro, principalmente tendo em vista a emergência do princípio identitário dos nuevos cristianos, no recém-forjado Império Colonial centrado em Castela.

Um selo cabalístico na cidade positivista: Fato ou alucinação?

Guilherme Rodrigues Bruno

(Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo – UFFS)

Considerando a pertinência de estar atento à identificação de padrões, como condição para descobertas empíricas quanto aos mitos, crenças e ritos potencialmente cultivados por determinado grupo social, o presente trabalho apresenta um caso de coincidência significativa entre uma cidade contemporânea, localizada no norte do Estado do RS, e uma ilustração presente num texto de teor cabalístico, publicado em 1618. Para tanto, procedeu-se a um exercício de observação lúdica sobre o espaço urbano dessa cidade, projetada como uma aldeia ideal, ainda no início do Século XX e segundo as diretrizes geométricas de um expoente do Positivismo Religioso, com a finalidade de acolher imigrantes de diversos lugares, mas especialmente famílias judias refugiadas do Leste Europeu. Desse modo, ao longo de algumas décadas foram sendo erguidas cinco construções que coincidem, em número e posição, com as imagens presentes no selo *oculum imaginationes* (olho da imaginação), desenhadas pelo médico cabalista inglês Robert Fludd. Curiosamente, uma série de outras coincidências, ou não, parecem corroborar a existência de uma inusitada ligação entre o selo renascentista e a cidade gaúcha. Muito embora a refutação material de tal ideia possa vir a se confirmar, tal refutação poderia ser ainda mais surpreendente, pois abre espaço para discutir os fundamentos metafísicos do esoterismo antigo e medieval sob a análise dos eventos tecnocientíficos mais recentes, como as alucinações imagético-semânticas produzidas por inteligências artificiais. Em ambos os casos podem se encontrar praticamente duas versões de “metaverso”, nas quais imagens visuais e objetos imaginários coabitam a mesma esfera dos fenômenos reais, num tipo de relação ontológica que merece ser analisada para além da mera contingência. De um modo ou de outro, dentro do contexto atual, e talvez somente dentro do contexto atual, é possível extrair desse caso indicações sobre a recepção contemporânea dos mitos, crenças e ritos do medievo e antiguidade, tão em evidência na atualidade. A recente popularização de algumas poucas plataformas de IA generativa podem nos fazer pensar que tal tecnologia é recente, no entanto a hipótese que apresentamos é a de que sua atuação discreta, ao longo das últimas décadas, cria uma esfera de percepções intersubjetivas muito próxima a materialização de um pensamento mágico de uso comum, o que aproxima os polos pré e pós-modernos. O olho da imaginação [ativa] ainda seria, paradoxalmente, uma estratégia social não declarada de modo a resistir frente ao controle

algorítmico do pensamento, mais uma vez, evocando o ensinamento presente tanto no desenho de Fludd, quanto no capítulo de livro que ele encapa, sua proposta de “teatro da memória”.

Religião no Mundo Antigo: A presença de divindades levantinas no Egito durante o Novo Reino

Hector Eliahou Leon Levy

(Especialista em História Antiga e Medieval - UERJ)

Os contatos entre os antigos egípcios e os povos do Levante (Síria-Palestina) são atestados desde as primeiras épocas da história egípcia. Contudo, como bem destacam os egiptólogos John Baines e Jaromir Málek em sua obra “Deuses, templos e faraós : Atlas Cultural do Egito Antigo” (2008, p. 43), será durante o chamado Novo Reino (c.1550-1070 a.C.), com a ascensão da XVIII dinastia egípcia, que as interações entre esses povos irão se acentuar, destacando-se as relações de “suserania e vassalagem” envolvendo, respectivamente, o mundo egípcio e as minúsculas cidades-Estados do Levante. Observamos que dessas interações entre diferentes povos, determinados elementos culturais de um grupo eram assimilados pelo outro e vice-versa. Nesse cenário, ao adotarmos os conceitos teóricos apresentados pelo antropólogo Edward Taylor, o qual conceitua Cultura como “todo o complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, leis e costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade” (BURKE, 2004, p. 43), verificamos em nossos estudos que as trocas culturais entre egípcios e levantinos acabavam impactando os mais diversos setores das sociedades envolvidas, como a arte, a literatura e, não menos importante, a religião. Neste sentido verificamos, por exemplo, a existência de objetos encontrados na antiga Síria-Palestina que atestam uma forte influência egípcia na arte local, como é o caso das representações de divindades levantinas em estilo egípcio. Ademais, como veremos em nossa pesquisa, muitos desses deuses sírio-palestinos seriam adotados pelos egípcios no período em questão, conforme destaca a egiptóloga francesa Christiane Zivie-Coche, em seu artigo “Foreign Deities in Egypt (Divindades Estrangeiras no Egito)” (2011, p. 2). Desta forma, trataremos em nossa pesquisa sobre a adoção de deuses levantinos na sociedade egípcia durante o Novo Reino egípcio, investigando os fatores que contribuíram para a presença de tais divindades estrangeiras no Egito. Ademais, analisaremos o modo pelo qual elas foram recepcionadas pelos egípcios, os quais são, tradicionalmente, considerados etnocentristas. Não menos importante serão nossas abordagens sobre os locais de culto de tais deuses (como é o caso de Mênfis e Deir El Medina), bem como as funções que essas divindades exerciam na terra dos faraós. Em nossa pesquisa, utilizamos como metodologia a análise de diversos tipos de fontes sobre o tema em questão, como os vestígios de cultura

material (a exemplo de estátuas levantinas, estelas e papiros egípcios), bem como os trabalhos de pesquisadores modernos, principalmente egiptólogos, como Garry Shaw, John Baines, Jaromir Málek e Christiane Zivie-Cocche.

Alquimista em nome de Deus: a alquimia cristã no século XVI

Isabel Antonello Flores

(Graduanda em História - UFSM)

A recuperação do *Corpus Hermeticum* no século XV por Marsílio de Ficino, junto com o neoplatonismo, demarcou uma ressignificação do modo de se viver para se aproximar de Deus. Se antes uma vida contemplativa era o ideal, agora uma vida ativa envolvendo o desenvolvimento da virtù e o estudo das humanidades passaram a ser a referência. Nesse sentido, surgiu a figura do mago cristão, aquele que buscava compreender e agir no mundo. Esse podia se envolver em diversas artes, como a cabala, magia natural, astronomia e, entre elas, a alquimia. Tendo isso em vista, nossa proposta se concentra em demonstrar como as práticas alquímicas se relacionavam com a crença em Deus. Por práticas, entendemos a noção oriunda da história cultural, a qual considera que essa faz parte de uma relação com a produção de discursos e representações e compreendem a forma como o ser humano observa e categoriza o mundo ao seu redor (CHARTIER, 2002). Para isso, utilizaremos da fonte "I secreti de la signora Isabella Cortese, ne' quali si contegono cose minerali, medicinali, arteficiose, alquimiche e molte de l'arte profumatoria, appartenenti a ogni gran signora". O livro foi publicado em 1565 na cidade de Veneza e possui autoria de Isabella Cortese. Ainda, a obra pertence ao gênero literário do segredo, o qual consiste em um compilado de receitas que se propõem ser já testadas e bem sucedidas, o que dialoga com o crescente favorecimento do empírico e com a pretensão de desvendar o oculto da natureza que surgem no período. Nesse sentido, "I secreti..." se divide em quatro livros que tangem diferentes assuntos, sendo eles, respectivamente, cura, alquimia, cuidados com a casa e cosmetologia. Por conseguinte, nosso recorte da fonte recai no segundo livro, no qual a autora afirma estar revelando os segredos da "verdadeira arte da alquimia", a qual deve servir a Deus. Por fim, salientamos que reconhecemos o livro de Cortese como esotérico, levando em consideração o desenvolvimento da área no meio acadêmico através das categorias formuladas por Antoine Faivre (2010), o qual se baseia em documentos pertencentes ao mesmo recorte espaço-temporal. Com isso, objetivamos demonstrar como o cristianismo e a alquimia se relacionavam, se configurando como uma prática dessa religiosidade.

Religiões no Mundo Romano: possibilidades (e impossibilidades) para o ensino fundamental através do *SET Brasil*

Ismael Wolf Ferreira
(Doutorando em História – UNIRIO)

Nesta comunicação realizo uma breve reflexão sobre as possibilidades (e as impossibilidades) de se trabalhar em sala de aula as “religiões do mundo romano” através do material do projeto *SET Brasil*, desenvolvido pela Soluções Moderna Editora (2021), uma linha de negócio da empresa Moderna que desenvolve projetos educacionais para professores e alunos das escolas públicas do Brasil. Também será analisada a sua compatibilidade na abordagem sobre este tema à luz da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), mais especificamente em relação à disciplina de História nos anos finais do Ensino Fundamental.

Por vossa majestade, dê-lhe uma morte ruim: as relações entre oferendas votivas, magia e relações sociais em Mogontiacum no século II

Jessica Brustolim
(Mestranda em História - USP)

A magia, até a segunda metade do século XX, foi pensada como uma forma primitiva de religião, uma forma caótica de reorganizar e deturpar elementos religiosos para fins “egoístas e maléficos”. Entretanto, a partir dos anos 1960, trabalhos históricos, influenciados pela antropologia, passaram a interessar-se pela magia por seus aspectos e usos sociais, compreendendo-a como uma forma de subverter a ordem social, como uma ferramenta de resistência para grupos subalternizados, ou, ainda, como uma categoria de práticas religiosas distantes de práticas normativas. Nas últimas décadas, também é notável um esforço em compreender a magia não como uma categoria separada de práticas, mas como um adjetivo de certas práticas, sobretudo religiosas, que visavam potencializar o efeito daquela ação. Dessa forma, ações como depositar uma maldição no templo ou fonte sagrada podem ser compreendidas como religiosas, o que possibilita novas interpretações sobre a religiosidade popular na Antiguidade. As defixionum tabellae, ou tabuletas de maldição, em português, podem ser definidas como pequenas folhas de chumbo, inscritas com um texto invocativo que visava obter a intervenção de deuses ou outros seres sobrenaturais, como demônios, em situações de conflito, e são uma das formas mais comuns de magia no Império Romano. Descobertas em 1999, as tabuletas de maldição provenientes de Mainz (a Mogonciaco romana), na Alemanha, podem ser interpretadas como oferendas votivas, mas, também, como uma prática mágica. Sendo assim, o objetivo desta comunicação é explorar como os pedidos são apresentados a Magna Mater, as estratégias de convencimento empregadas para obter sua intervenção, e o ritual de deposição das maldições. Por meio de uma análise êmica dessas fontes, defende-se a hipótese de que essas maldições estavam sendo utilizadas como oferendas votivas, uma forma de obter uma relação de favor com a divindade, e a magia, em si, era um potencializador desse favor. Também argumenta-se que essa era uma forma de obter poder em situações assimétricas de poder, sendo uma estratégia de enfrentamento de crises para grupos populares na Antiguidade.

O Sagrado e o Vinho: Degustando com Dioniso no *Deipnosophistai*

Luís Giovani Adamoli Castro

(Mestre em História – UFPel)

O vinho, enquanto bebida ancestral, é considerado um atributo divino em diversas culturas e mitologias. É especificamente a bebida alcoólica produzida com a fermentação da uva. Assim sendo, seu processo de fabricação bem como os esforços para preservar suas propriedades tanto tangíveis quanto intangíveis são milenares, entretanto contemporâneas. Há pesquisas que enfocam historicamente muitos períodos, apontando para as mais diversas origens. A versão judaico-cristã atribui a plantação do primeiro vinhedo a Noé. No entanto, há evidências arqueológicas de que a bebida fermentada de uvas ancestrais, hoje chamada de vinho, já existia desde o Neolítico. Todavia, há autores que lhe atribuem o surgimento há cerca de 9000 anos. Enquanto é presente em duas das três religiões abrâmicas, o Judaísmo e o Cristianismo, também gregos e romanos consideravam o vinho uma dádiva dos deuses. Ou seja, na cultura greco-romana há muitos subsídios para pesquisá-lo, seja por depoimentos literários ou iconográficos. Desses, portanto, opta-se por aprofundar a pesquisa sobre o vinho através de *Deipnosophistai* (O Banquete dos Sábios), uma obra pouco trabalhada em nosso idioma. É do naucratiano Ateneu (fl. c. 200 d.C.), que a escreve no período imperial. Aborda, nesta que é sua única obra, tanto a culinária quanto a bebida, entre outros temas, para evocar a cultura clássica do século IV a.C.. Onde Dioniso, que é uma divindade não-olimpiana, importada da Trácia, cujos atributos são justamente o vinho, as vinhas, a gastronomia, a abundância e as celebrações, ocorre na prática despertar tanto o interesse popular quanto o dos intelectuais. Este testemunho preservou, através de citações, muitas obras que não chegaram até nós, e propicia uma análise bastante consistente sobre o tema. Pode-se ainda questionar o porquê de Ateneu não fazer qualquer referência ao Cristianismo, bastante difundido em seu tempo, que importa do panteão greco-romano muitos atributos divinos para atribuí-los a seus mártires, mas o vinho e o pão, a bebida e a comida mais universalmente utilizadas, reservam-se ao próprio Jesus.

**Diluindo o vinho dos bêbados: quem foi, quem deixou de ser, e quem veio a se tornar
Dioniso**

Margot Barros Busato

(Graduanda em História – UFPel)

Através de uma apresentação cronológica dos diferentes retratos do deus Dioniso/Baco, utilizando da representação em obras clássicas relevantes (i.e., *Teogonia*, *Dionysiaca*, *As Bacantes*, *Descrições da Grécia*) sob as análises de acadêmicos como Gantz, Kerényi, Nilsson e West; o ensaio buscará demonstrar como estes mitos evoluíram desde o período Micênico na Grécia até o período Helenístico em Roma, estabelecendo uma conexão com o aumento da popularidade dionísia às concessões feitas ao seu caráter, onde ele foi transformado de uma entidade ctônica e marginal a um membro do grande panteão olímpico.

A efeminação dos sacerdotes “galos” do culto de Atargátis na cidade sagrada de Hierápolis: uma análise da obra *A Deusa Síria*, de Luciano (século II EC)

Maria Clara Turcato da Costa

(Graduanda em História – UFSM)

O presente trabalho intitulado “A efeminação dos sacerdotes ‘galos’ do culto de Atargátis na cidade sagrada de Hierápolis: uma análise da obra *A Deusa Síria*, de Luciano (século II EC)”, tem como objetivo analisar as representações dos sacerdotes “galos” da chamada Deusa Síria (Atargátis) a partir da obra *De Dea Syria* (A Deusa Síria), do escritor e historiador Luciano de Samósata (c. 125-181 EC), escrita em grego utilizando dialetos jônicos por um autor de origens sírias. A obra expõe o processo de autocastração (mutilação das genitais) realizada na cidade santa de Hierápolis (Síria) pelos sacerdotes em homenagem ao culto de Atargátis, ato que na visão do autor, aproxima-os do feminino após a perda da virilidade. Para Luciano, entre as diversas origens mitológicas do rito de castração dos “galos”, a mais verossímil se dá como uma forma de homenagem não só à deusa síria, mas também ao principal construtor de seu templo em Hierápolis, o “galo” Combabo. Ainda mais, o autor revela outras maneiras de homenagem à deusa realizadas pelos seus sacerdotes em Hierapólis, como a mutilação dos braços ao som de tambores e flautas frenéticas, oferecendo-a seu sangue em consagração. Em diversas passagens da obra “Deusa Síria”, o autor, além de condenar o feitio da autocastração – que de fato era mal vista na sociedade greco-romana – considera os “galos” como participantes de um processo de efeminação, passando a usar vestes femininas e a comportarem-se como mulheres, inclusive, sendo amantes passivos dos escravizados, colocando-os numa posição de imoralidade e inferioridade. Além do tema tratado acerca dos sacerdotes da deusa, Luciano faz uma análise a respeito da cidade sagrada de Hierápolis, descrevendo seus templos, deuses cultuados, festividades, ritos e sacrifícios. Para mais, Luciano conta histórias mitológicas a respeito da edificação da cidade sagrada e também da origem de Atargátis. A partir do exposto, esse trabalho visa suscitar uma análise da fonte utilizada pensando sobre o autor e seu momento histórico além de criar um debate acerca do rito da castração e estabelecer uma conexão com a efeminação dos sacerdotes “galos” e a inferiorização do feminino na sociedade greco-romana do contexto de produção do texto.

Dioniso sob controle: do ritual mitológico primitivo à Tragédia Clássica

Marina de Oliveira

(Professora do curso de Teatro da UFPel)

A comunicação analisa o percurso e as transformações dos rituais de adoração ao deus Dioniso, na Grécia Antiga, até a consolidação dos dois principais gêneros teatrais do período: a tragédia e a comédia, por volta do século V antes da era cristã. A partir de pensadores como Margot Berthold, Marlene Fortuna, Jean-Pierre Vernant e Reinhaldo Ullmann, entre outros, explana-se como se transformou ao longo do tempo a maneira como os gregos cultuavam o deus do teatro. Conforme Marlene Fortuna, nas primeiras manifestações religiosas de adoração a Dioniso de que se tem notícia, há a busca do êxtase sagrado, em que os participantes perdem a sua noção identitária em função do transe, ficando imersos na coletividade e, portanto, mais próximos do deus. Nesses rituais, a presença das mulheres era permitida. As chamadas ménades, devotas do deus, mascavam ervas, bebiam vinho e dançavam no alto das montanhas para depois se unirem aos sátiros. Na ocasião, aconteciam ações desmedidas envolvendo a alteração da consciência, o instinto e a violência. O delírio dionisíaco instaurado nesses rituais contrasta com a ponderação dos posteriores espetáculos trágicos, que não apresentavam nenhuma situação de agressão em cena. Nesse sentido, a proibição da participação das mulheres nos rituais e a subsequente transformação desses rituais em ditirambos, executados apenas por homens, compõem o percurso que resultará na ordenada estrutura da tragédia clássica. O veto à participação de mulheres nas representações teatrais não se configura como uma excrescência, mas como algo natural em uma cultura que, considerada um dos pilares da civilização ocidental, impunha às mulheres o lugar da subalternidade. Além disso, a exclusão das mulheres nas representações teatrais da Antiguidade evidencia a associação da figura feminina à mania e à loucura. Em outras palavras, as ménades ocupavam posição central no ritual primitivo com ênfase na desordem, ao passo que a celebração ao deus no âmbito teatral ocorreu a partir de uma organização essencialmente masculina. Sob controle e sem protagonismos femininos, Dioniso tornou-se o padroeiro do teatro, sendo-lhe destinadas oferendas, como o bode sacrificado, colocado no altar construído em seu louvor, no centro da orquestra, onde se apresentavam espetáculos de grandes tragediógrafos como Ésquilo, Sófocles e Eurípides.

Política e Dioniso: notas sobre a relação entre pôlis e tragédia

Matheus Barros da Silva

(Doutorando em História - UFRGS)

A tragédia grega – que mais precisamente deve ser considerada como tragédia ateniense – é produto de uma efervescente totalidade dialética, que envolve contextos político, religioso, social e cultural. Àquela totalidade, me refiro à emergência da pôlis no mundo grego, e, especificamente à Atenas de finais do século VI e do decorrer do século V AEC. É nesse recorte cronológico e geográfico que a política nasce, como uma singular concepção de pensar o convívio social no que diz respeito à fundamentação dos princípios de autoridade e poder políticos. Organicamente vinculada às festas em honra ao deus Dioniso – as Grandes Dionisíacas – que são parte do calendário cívico-litúrgico de Atenas, cabe ao teatro, à tragédia consolidar-se como espaço de debate sobre a cidade diante de si própria. A partir do espelho distanciador do mito dos ciclos heróicos, que constituíam a matéria-prima dos dramas trágicos, os tragediógrafos faziam discutir as questões mais candentes do contexto de produção das respectivas tragédias, como, por exemplo, os fundamentos da natureza humana, o lugar do feminino na cidade, os limites do exercício do poder e as agruras da guerra. Nesse sentido, considero a tragédia a um só tempo um espetáculo político e religioso, não prosperando de forma profícua visões que privilegiam apenas um daqueles campos. Dito isso, na presente comunicação minha intenção é dupla: 1) abordar o nascimento do tragédia e sua relação religiosa com o culto de Dioniso, tendo em conta o envolvimento da instituição da tirania nesse processo; 2) de forma complementar, observar, como no século V AEC, a tragédia é essencialmente uma instituição democrática na prática isonômica ateniense. Viso cumprir meus objetivos através de um diálogo com a bibliografia especializada, bem como com os textos trágicos e outras fontes primárias que permitem entrever as relações entre política, cidade e culto religioso na consolidação do espetáculo trágico.

**Os Vitorianos, a Idade Média e o Mito do Rei Cruzado: um estudo de caso sobre o culto
à imagem de Ricardo I (1819 – 1901)**

Mauricio da Cunha Albuquerque

(Doutorando em História - UFPel)

Entre as últimas décadas do século XVIII e ao longo de todo o XIX, os países que hoje compõem o Reino Unido assistiram a um renovado interesse pelo passado medieval. Na literatura e artes plásticas, na arquitetura e artes cênicas, ou mesmo em expressões cotidianas (como a decoração de interiores e a ourivesaria), referências à Idade Média eram extremamente recorrentes. Na esteira deste processo – chamado pela historiografia insular de Revivalismo Medieval –, vários personagens, reais ou imaginários, foram “resgatados”, ganhando nova vida e presença na memória e imaginação coletivas. Foram os casos do rei Arthur, de Alfredo o Grande e também de Robin Hood, para citar alguns exemplos. Inicialmente apropriados na esfera cultural, esses sujeitos foram, cada vez mais, instrumentalizados em narrativas ideológicas, que buscavam legitimar a antiguidade e a unidade do povo inglês/britânico. Nisso se destaca a figura de Ricardo I (Coração de Leão). Fortemente criticado pela historiografia da época, este monarca, conhecido por sua participação na Terceira Cruzada, se tornou uma figura particularmente famosa na Inglaterra oitocentista. Pinturas, esculturas, óperas, peças de teatro, até em expressões corriqueiras como joias e cartas de baralho. Sua imagem estava presente nos mais diversos suportes da época. À luz das noções de imaginário e memória cultural, e amparados metodologicamente pela iconologia crítica, esta comunicação se propõe a: 1) identificar as principais fórmulas imagético-conceituais acionadas pelos artistas vitorianos no tratamento do personagem; 2) traçar a “evolução” iconográfica de sua representação principal – de rei cavaleiro a herói das cruzadas; e 3) identificar (através da iconologia crítica) os sintomas culturais que mobilizaram este fenômeno de culto à sua imagem (chamado por nós de “Ricardomania”). Nossa proposta visa, também, apresentar o Revivalismo Medieval insular como um fenômeno diverso e multifacetado. Não como “reflexo” de um sentimento único em relação à Idade Média, mas como expressão direta dos vários projetos de nação que se faziam presente no discurso insular oitocentista.

“Mostrem-lhe, pois, o que não há nunca visto”: as “maravilhas” (*karāmāt*) dos santos e as “maravilhas” (*'aja'ib*) dos iogues através de ibn Battuta (1304-1368 d.C/703-770 H.)

Patrik Madruga Gonçalves

(Mestrando em História - UFSM)

Em seu relato de viagem (*rihla*) do século XIV, o muçulmano arabizado ibn Battuta (1304-1368) afirma ter percorrido a maior parte dos territórios sob domínio islâmico. Produzido sob ordens da dinastia Merínida (ca. 1244-1465) e contando com auxílio do amanuense ibn Juzayy (1321-1357), o documento acompanha as experiências do viajante desde o norte da África até o leste asiático. Dentre as regiões visitadas, podemos mencionar as terras árabes e iranianas, a costa somali e swahili, a Anatólia greco-turca, a Ásia central, o Subcontinente Indiano e a China sino-mongol, assim como al-Andaluz e, através das rotas transarianas, o Império do Mali. Em suas aventuras, ibn Battuta se deparou tanto com elementos que lhe eram familiares quanto estranhos. Marcada sobretudo pelo encontro com outros muçulmanos, a obra aborda diversos temas, inserindo observações, eventos históricos, anedotas e interações com figuras ilustres, além de descrições dos costumes locais. Dentre os distintos fenômenos relatados, tece elogios as capacidades extraordinárias – sobretudo ligadas a clarividência – de alguns sábios muçulmanos. Ao mesmo tempo, demonstra certo grau de incredulidade (ou, pelo menos, surpresa) das ações atribuídas aos membros de fora da *ummah* (comunidade dos crentes). Dentre elas, se destacam os feitos dos iogues, como transformações e levitação. Por meio do documento autobiográfico de ibn Battuta, analisaremos o papel ocupado pelos atos maravilhosos e sua relação com a fonte. Articulamos, teórica e metodologicamente, a pesquisa através dos conceitos de prática, representação e apropriação. Veremos que ibn Battuta comprehende o extraordinário a partir de uma perspectiva árabo-islâmica que permitia a continuidade de sua jornada pelo *dar al-islam* (casa do Islã) ao mesmo tempo que demarcava seus limites. Se os sábios muçulmanos com os quais se encontrou ampliavam o deslocamento do viajante através de suas capacidades especiais, lhe garantindo segurança e o destinando em outros lugares, aqueles que denomina de iogues eram associados às maravilhas que habitariam terras distantes, fenômenos esperados dentro do gênero literário da fonte.

Eros e Afrodite: o amor avassalado encontrado nas poesias de Safo de Lesbos

Talita dos Santos

(Mestranda em História - UFPR)

Na Grécia Antiga a religião era usada como forma de resposta para os acontecimentos que ocorriam na natureza e até mesmo com os próprios seres humanos, onde os deuses de suas crenças representavam quase tudo ao seu redor. Com o amor isso não foi diferente, sendo Eros e Afrodite os deuses principais ligados ao amor romântico e também ao amor afetuoso. Afrodite era a representação da beleza, sexualidade e do amor, não somente o amor entre dois parceiros, mas também no amor que existe entre a família. Já Eros, filho de Afrodite e Ares, era o deus do amor verdadeiro, da paixão ardente e que não possuía uma forma concreta, sendo muitas vezes descrito em poesias como uma força avassaladora que invadia os corações das pessoas e as virava de ponta cabeça. Safo de Lesbos, uma poetisa e intelectual que viveu na polis de Mitilene durante o período arcaico, falava muito sobre esses dois tipos de amor em suas poesias trágicas. Fala sobre seus amores não correspondidos e também sobre o amor que tinha sobre sua filha querida e seus dois irmãos viajantes. Afrodite faz muitas aparições nos trechos de Safo, sendo “Hino a Afrodite” o fragmento mais completo já encontrado, além de também ser o mais famoso da poetisa. Nas poesias sobre ela há também muitos trechos de lamentos, choros e súplicas por ajuda devido a um amor não correspondido. Já Eros possuía os fragmentos que o representavam como uma força da natureza que atravessa os corações, fazendo com que homens e mulheres ardiam em um amor tão forte que quase adoecem com tanto sentimento. Com isso é possível usar os fragmentos e trechos de Safo de Lesbos como fonte histórica para entender como funcionava o culto aos deuses do amor, além da visão de uma mulher letrada e intelectual sobre esse assunto, o qual também transmitia as suas alunas.

O cortejo pederástico entre Posídon e Pélops nas cerâmicas áticas: imagens de um mito que inspirou flertes entre *erastai* e *eromenoi* em Atenas (VI-IV A.E.C.)

Vander Gabriel Camargo

(Mestrando em História – UFRGS)

Pinturas feitas sobre cerâmicas representando pares românticos são frequentes na iconográfica das pinturas vasculares áticas, entre os numerosos exemplos existentes podem ser citadas as cenas em que o deus Posídon está cortejando Pélops, príncipe lídio e herói ancestral da região do Peloponeso. Essas pinturas apresentam a divindade oferecendo presentes para o mortal com o objetivo de conquistá-lo e convencê-lo a estabelecer um relacionamento com ele. Quando são examinadas levando em conta o seu contexto de produção é possível verificar a sua correspondência com uma prática institucionalizada na Atenas Clássica, a pederastia, em que criava-se um vínculo pedagógico e amoroso/erótico entre homens mais velhos (os *erastai*) e jovens meninos (os *eromenoi*) com o objetivo de prepará-los e educá-los para o convívio social na pólis como cidadãos, assim como iniciá-los sexualmente. Os vasos em que foram elaboradas imagens do mito, considerando seus formatos (ânfora, hidria e cratera), provavelmente circularam nos simpósios sendo utilizados como recipientes para o consumo do vinho, comum nesse tipo de evento. Levando em conta que a pederastia possuía um caráter aristocrático, assim como os simpósios, defende-se que as pinturas relativas ao mito de Posídon e Pélops circulavam nesses espaços veiculando os modelos ideais pederásticos, assim contribuindo para justificar a existência da prática, definindo os comportamentos que eram socialmente aceitos em meio a ela e “inspirando” a ocorrência dos flertes entre casais homoeróticos humanos em Atenas. Desse modo, selecionando as cerâmicas que apresentam o cortejo entre Posídon e Pélops, pretende-se examinar como o mito e suas composições imagéticas contribuem para definir como deveriam agir os homens mais velhos e os mais jovens em Atenas para que as relações pederásticas fossem consideradas honrosas para ambos os envolvidos. Para a análise será mobilizado o conceito de modéstia (*aidos*) e a questão da reciprocidade entre os indivíduos da relação, ao mesmo tempo em que será examinado o valor simbólico do presente ofertado por Posídon ao seu pretendente amoroso.

Uma divindade complexa: o mito e rito a Priapo em Grécia e Roma, um apanhado de evidências espalhadas pelo Mediterrâneo Antigo (séc. III a.C. ao VI d.C.)

Vitor Naoki Miki Gomes

(Mestrando em História – UFPel)

Ao longo da história Grega e Romana muitas divindades itifálicas foram focos de funções religiosas diversas relacionadas ao mundo agrícola, entre as quais se destacam a organização de cultos à fertilidade, à vida e à morte. Entre essas divindades, encontramos o rústico e, ao mesmo tempo complexo, Priapo, deus itifálico, filho de Zeus e Afrodite ou Dionisio e Afrodite, que, apesar de sua conturbada narrativa mitológica (amaldiçoado por Hera e abandonado por Afrodite em Lâmpsaco), adquiriu exponencial popularidade no mundo romano, sendo assimilado ao panteão como um deus menor. Logo, de origem Grega, Priapo teve a graça de ser assimilado a diversas divindades em diferentes partes do mundo helênico e do império romano, principalmente através do processo de *interpretatio* Romana. Assim, as evidências do culto e rito a Priapo variam em cada região, sendo espalhadas da Espanha a Rússia ao longo do século III a.C ao VI d.C. Nesta comunicação, portanto, iremos ensaiar em torno do alcance de Priapo, de seus cultos e as diferentes formas de ritos relacionado a divindade em questão, em uma análise dialógica pela qual pretendemos demonstrar os principais e os mais recorrentes, elementos referentes ao culto e rito de Priapo da Antiguidade à Antiguidade Tardia Grega e Romana. Para tanto, realizamos uma exposição interdisciplinar, dialogando diferentes metodologias e evidências históricas: a cultura material, as narrativas mitológicas e as aparições desse deus na literatura. Assim, nessa comunicação apresentaremos e correlacionaremos as representações dos rituais a Priapo na literatura com as espalhadas evidências da cultura material. No tocante a literatura, exploraremos os poemas ‘pastorais’ dedicados a Priapo, os quais podemos chamar de *priapeum*, na Antologia Palatina que seguem a tradição de Teócrito de Siracusa e Leônidas de Tarento, datados entre os séculos III a.C. a VI d.C., a *Carmina Priapea* e a obra *Satyricon* de Petrônio datadas entre o século I a.C. – I d.C; ou seja, atentamos a diferentes obras e gêneros literários que referenciam à elementos cultuais e ritualísticos a Priapo. Em suma, objetivamos trazer à tona um apanhado de discursos heterogêneos referente a divindade e os ritos a ela relacionados, os summarizando, no objetivo de apresentar os principais elementos ritualísticos do culto a Priapo no Mediterrâneo Antigo Grego e Romano, ao longo da Antiguidade à Antiguidade Tardia.